

MALVACEAE MINEIRAS INVASORAS DE CULTURAS

Prof. HONÓRIO DA C. MONTEIRO F.^o (*)

O Estado de Minas Gerais, pela diversidade de seus micro-climas e pela sua situação geográfica, atravessado de altas montanhas, possui, como era de esperar, um grande número de espécies endêmicas.

A família das *Malváceas*, sendo eminentemente ruderal, apresenta, no entanto, um grande número de endemismos nesse estado. Nessa tendência ao ruderalismo das plantas pertencentes a esta família propiciou a invasão das culturas por numerosas espécies endêmicas, o que pode trazer dificuldades à determinação, dificuldade ainda mais agravada pelo fato de que muitas dessas espécies são extremamente semelhantes a outras de grande áreas, pantrópicas, com as quais são freqüentemente confundidas.

Apresentamos abaixo comentários a respeito de algumas dessas espécies esperando que assim possamos ser úteis àqueles que se interessem pela determinação desse difícil grupo sistemático.

A fim de simplificarmos o estudo não consideremos os "taxa" infraespecíficos.

Sida

Gênero eminente ruderal, apresenta no entanto algumas espécies endêmicas no estado de Minas Gerais, as quais dilatam freqüentemente sua área para os estados vizinhos de S. Paulo e Rio de Janeiro.

(*) Prof.^o da Escola Nacional de Agronomia - Rio de Janeiro - D.F.

Registramos abaixo algumas espécies que têm sido erroneamente contradas vegetando em culturas, ao lado das clássicas espécies invasoras do gênero, como *Sida rhombifolia* L., *S. carpanofolia* L., *S. spinosa* L. e *S. cordifolia* L.

- 1 — *Sida tuberculata* R. E. Frics, Sn. Vet. Ak. Handl. II. 42 (12): 33: 1908.

Erva de base lenhosa, com 0,50 a 1,50 m de altura, com folhas elípticas, lanceoladas ou lineares. As vezes apresenta um pequeno tubérculo na base da folha, que passa frequentemente despercebido. Suas flôres são medíocres, com 1,0 a 1,5 cm. de diâmetro, flavas, com uma mancha purpúrea na base das pétalas. O cálice mede 6-7 mm. de comprimento. O fruto é constituído por 6-8 carpídeos, mais frequentemente 8, glabros, quasi múticos, provido de duas pequenas aristas de menos de 0,5 mm. de comprimento.

É muito afim de *S. rhombifolia* L., a cosmopolita vasculosa, com a qual é frequentemente confundida, podendo, porém, ser distinguida pelos seguintes caracteres: suas folhas nunca são tipicamente rombas, enquanto que na *S. rhombifolia* L., principalmente nos exemplares jovens, a lâmina foliar é tipicamente romba, com exceção das folhas superiores; além disso, na *S. rhombifolia* L., o número de carpídios é de 10 ou mais. Como consequência deste fato o fruto de *S. rhombifolia* L. é mais túrgico, de sorte que o cálice na maturidade do fruto não o envolve completamente, enquanto que na *S. tuberculata* R. E. Frics, êle fica totalmente incluso.

A *S. tuberculata* R. E. Frics. tem o seu centro de dispersão em Minas Gerais, mas, é também, frequentemente espalhado em São Paulo e no Estado do Rio de Janeiro onde se encontra facilmente nas culturas ao lado de sua sózia a *S. rhombifolia* L.

- 2 — *Sida glaziovii* K Schum. Fl. Bras. 12 (3): 332. 1891.
Sin.: *S. Bradei* Ulbrich, Not. Bot. Cart. 9: 42. 1924.
S. Bradei. E. G. Baker., Jaur. Bot. 63: 239. 1925.

Erva de base lenhosa, com 0,50 a 1,50 m. de altura, cinéreo tomentosa, com folhas rombas, rombo-ovais ou obovadas.

vêzes sub-orbiculares e raramente orbiculares, sendo as superiores lanceoladas ou lineares. Apresenta como a precedente um pequeno tubérculo na base das folhas. As flôres são medíocres, com 1.5-2 cm. de diâmetro, alvas, com uma mancha atropurpúrea na base das pétalas, como cálice medindo 10 mm. de comprimento. O fruto é formado de 7-10 carpídios, quasi múticos, apresentando duas pequenas aristas de menos de 0,5 mm. de comprimento e providos de um tomento flavo no ápice que os tornam muito característicos.

É também, muito afim da *S. rhombifolia* L., com a qual é freqüentemente confundida. Distingue-se, porém, facilmente, *in vivum*, pelo seu tomento cinascente que comunica às plantas um aspecto acinzentado e nos exemplares de herbário, sobretudo, pelos seus carpídios de ápice flavo tomentoso, enquanto que na *S. rhombifolia* L. eles são glabros.

3 — *Sida aurantiaca* St. Fl. Bras. Mer. 1 (2): 185. 1827.

Erya com 40-60 cm de altura, viscosa, com folhas oblongas, lanceoladas ou lineares e flôres alaranjadas, flagrantes, com área de 1 cm. de diâmetro, o cálice medindo 8-9 mm de comprimento. O fruto é constituído de 5 carpídios múticos, de paredes frágeis e lisas.

É espécie pouco freqüente, encontrando-se em terras abandonadas, margens de estradas e como invasoras de culturas fracas.

4 — *Sida Martiana* St. Hil. 1.c: 187. 1827.

Extremamente semelhante à precedente da qual só se pode distinguir com segurança pelos carpídios rugulosos e de paredes membranáceas. É também, pouco freqüente, encontrando-se nas margens de estradas e como invasoras de culturas fracas.

5 — *Sida acrantha* LK. Emum. Hort. Berol. 2: 203. 1822.

Sin. *S. linearifolia* St. Hil. 1.c.: 184. 1827.

S. sub-cuneata St. Hil. 1.c.: 184. 1827.

S. urosopetala S. E. Eric, 1.c. III. 24 () : 13. 1947.

Espécie que apesar de ser encontrada somente nos Estados de Minas, São Paulo e do Rio de Janeiro e de não ser

muito freqüente, deu no entanto, graças ao seu polinorfismo lugar a criação de vários sinônimos como acima mostramos.

É uma erva alta ou sub-arbusto com 1-1.50 m. de altura de folhas lineares, as vêzes, as inferiores rombo-oblongas flores flavas, com uma mancha atroupurpúrea na base, medindo de 10 nervuras proeminentes e medindo 10 mm. de comprimento. As flôres geralmente são agregadas no ápice dos ramos. O fruto é formado geralmente por 6 carpídios (raramente 5,7 ou 8). Embora não muito rara, aparece poucas vêzes como invasora.

Gaya

Este gênero apresenta algumas espécies endêmicas no Estado de Minas, as quais, algumas vêzes aparecem no meio das culturas. Entre estas anotamos as seguintes.

6 — *Gaya gracilipes* K. Schum. 1 c.: 148-1891.

Erva de base lenhosa que como suas congêneres é provida de um apêndice dentro dos carpídios, o qual envolve as sementes e que Hochrentiner denominou de endoglosso. Distingue-se de suas afins pelas flôres longe pedunculadas, com pedúnculos gráceis atingindo 5 cm. de comprimento. O fruto é constituído por 10 carpídios, sendo subcônico e entumescido, donde o nome vulgar de balãozinho com que o vulgo, muitas vêzes, designa esta e as outras espécies desse gênero e de gêneros próximos, como *Bogenhardia*, *Abutilon*, *Bakeridesia* et allies.

7 — *Gaya aurea* St. Hil. 1. c.; 193. 1827.

Erva ou subarbusto, semelhante à precedente, mas distinguindo-se por possuir pedúnculos breves, menores do que 1.5 cm. Suas belas flôres, amarelo ouro, com nervuras flabelado escuras, valeu-lhe o epíteto com que Saint-Hilaire a denominou. O fruto com mais de 14 carpídeos tem os caracteres genéricos.

Esta espécie vegeta na zona das caatingas e atinge também os Estados de Bahia e Pernambuco.

8 — *Gaya Guerkeana* K. Schum. 1. c.: 354.

Erva ou subarbusto do mesmo hábito dos congêneres. Distingue-se todavia, pelo *endogloso* rudimentar, tão pouco conspicuo que pode passar desapercibido a uma observação pouco meticolosa. Espécie tipicamente mineira, tem sido não obstante, também, encontrada em São Paulo.

Briquetia

Este gênero apresenta uma única espécie a qual abaixo nos referimos.

9 — *Briquetia denudata* (Mees & Mart. R. E. Fries, l. c. II.42 (12): 40. 1908.

Sin.: *Sida denudata* Mees. & Mart. Nov. Act. Nat. Cur. 11: 100. 1828.

Sida bilhamata St. Hil. & Naud. Am. Sci. Nat. II. 18: 54. 1822.

Anoda denudata (Noes & Mart.) E. Schum. l. c.: 357. 1891.

Briquetia denudata (Noes & Mart.) Chodat & Hasal. Bull. Herb. Boiss. II. 5s 296. 1905, *in dubio*.

Esta espécie é caracterizada por dois ganchos pequeninos no dorso dos carpídios, que do ponto de vista de Chodat & Haesler conceituam o gênero *Briquetia*. Pela aplicação das regras de nomenclatura o binômio deve ser atribuído a R. E. Fries que primeiro o publicou com segurança, pois Chodat & Hassler apenas se referiram a esta combinação sem estabelecer a categoricamente.

Apesar de ser tipicamente mineira, tem sido, também, assinalada no Paraguai.

Bastardia

Duas espécies desse pequeno gênero, ocorrem, como endêmicas, em Minas Gerais, a *Bastardis elegans* K. Schum e a *B. bivalvis* K. Schum., sendo que esta última, igualmente tem sido encontrada no Estado do Rio de Janeiro e nós achamo-la em Pernambuco, em Alagôa de Baixo, hoje Sertânia.

Como nos faltam dados a respeito de sua condição de invasora, deixam de nos referir às mesmas, mas pormenorizammente.

Outros gêneros

Abordaremos em trabalho próximo os outros gêneros desta família que apresentam espécies endêmicas em Minas Gerais, as quais se tornem invasoras, como por exemplo *Pavonia*, *Abutilon*, *Wissadula et allies*.

DISCUSSÃO

- a) O Autor ponderou quanto a grande importância da identificação botânica no estudo das plantas invasoras por ser um problema complexo e muito agravado pela crise de sistematistas interessados no assunto. Fêz diversos comentários sobre as espécies endêmicas e ruderais com exemplos no gênero *Sida* (Vassouras).
- b) *Dr. Alfredo C. Nascimento Filho* — A grande dispersão das espécies invasoras pode promover aspectos vegetativo diferente, influenciado pelas variações ecológicas e assim aumentar a confusão para a sua identidade, ainda que o possível polimorfismo não seja tão grande. De qualquer maneira a determinação botânica é muito importante porque muitas vezes as variações dos resultados obtidos pelo comportamento fistológico da planta em relação a certos herbicidas pode variar segundo as condições de meio.
- c) *Dr. José da C. Paixão* — Fêz o combate da *Sida rombifolia* var. *canariense*, no Km. 47, com o emprêgo do M. C. P. A. eliminando a espécie do terreno, mas em seguida aumentou a infestação de outras invasoras.
- d) *Dr. Lair R. Rennó* — “No encerramento desta Sessão apresentou as seguintes palavras:

“Cumprimentando em nome da mesa, os ilustres autores de tão brilhantes trabalhos, desejo aproveitar as expressões do Prof. Honório Monteiro”, “malhando em ferro frio”, para salientar mais uma vez a importância da Sistemática no terreno das plantas daninhas.

Pelo que tenho lido e aprendido nas magistrais aulas que vimos recebendo neste Seminário, as diferentes respostas das diferentes plantas a um mesmo herbicida, já dizem claramente da necessidade que sente o técnico de conhecer cientificamente essas plantas.

O trabalho do Prof. Monteiro traça certas diretrizes que poderão servir como norma de orientação para uma futura sistemática especializada, aplicada às plantas daninhas e invasoras, onde salienta os caracteres essenciais desses vegetais, para uma pronta e rápida diagnose, independentemente assim de maiores conhecimentos de Sistemática pura da parte do Técnico, o que demandaria mais tempo e estudos acurados”.

E, agradecendo a presença de todos, declarou encerrada a sessão.